Acervo ISA

LUX-JORNAL RECORTES LTDA.

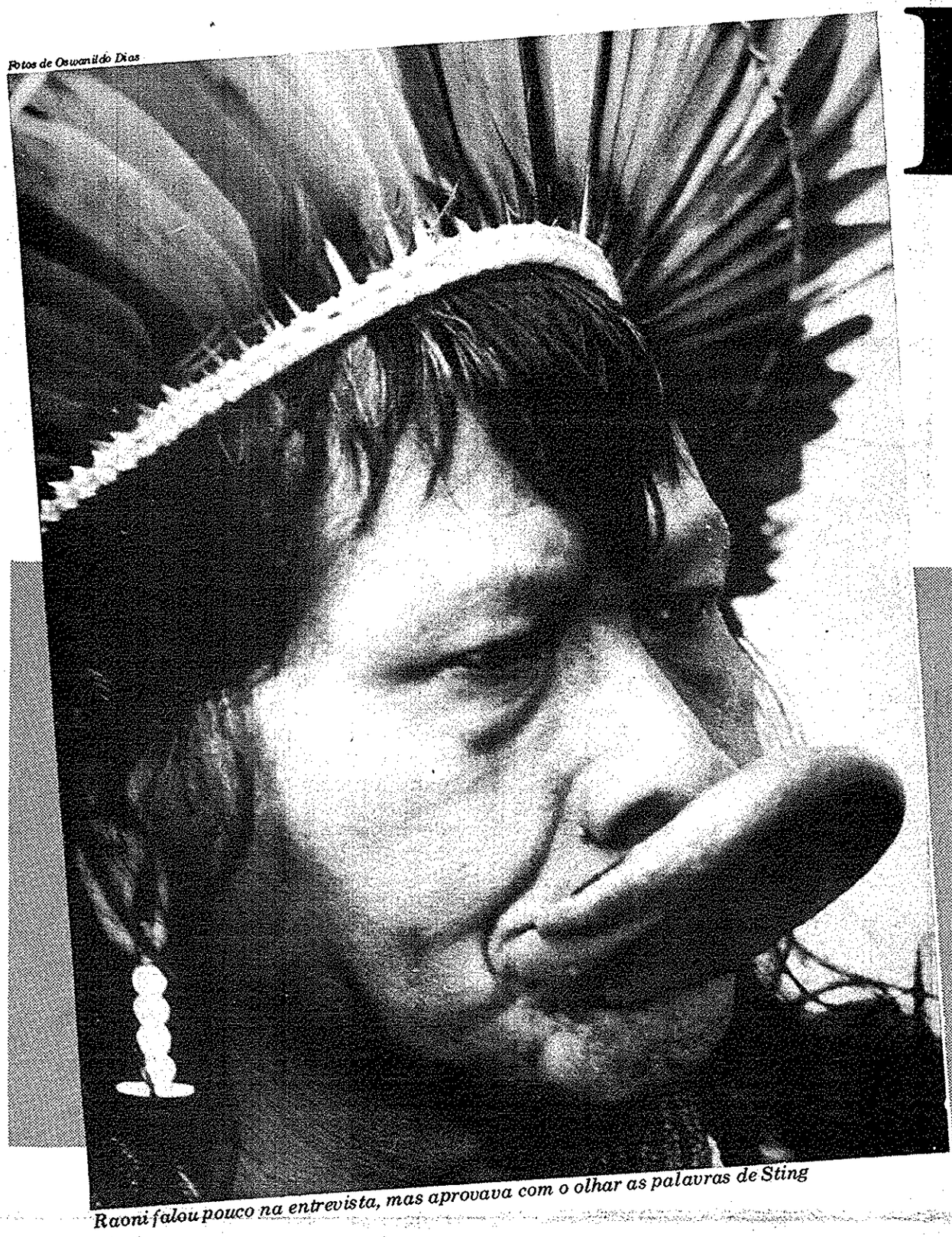
"Silverado" é a atração de hoje na Globo. O filme marca um dos grandes momentos de Lawrence Kasdan, diretor de "O turista acidental", em cartaz nas telas do Rio

UH Revista
Rio de Janeiro, sábado, 3 de junho de 1989

Maria Creuza e Roberto Menescal estão de volta ao Brasil. A dupla fez dois shows em Porto Rico e se impressionou com o sucesso da bossa-nova no exterior

OGERÁ 195

Fotos de Oswaldo Dias



Raoni falou pouco na entrevista, mas aprovava com o olhar as palavras de Sting

Em defesa da vida

Após uma peregrinação mundial em defesa da Floresta Amazônica, Sting e Raoni falam sobre os resultados da campanha

LINDA MONTEIRO,
da reportagem de UH Revista

Foram seis semanas de andanças pelos quatro cantos do planeta. Uma espécie de peregrinação, com o objetivo de semear nos mais diferentes povos a consciência sobre a importância da preservação da Floresta Amazônica, angariando simpatias e fundos para as nobres propostas da recém-nascida mas já famosa Fundação Mata Virgem. À frente da empreitada, um inglês, estrela do rock internacional, e um líder de uma tribo kayapó, símbolo da luta pelos direitos dos povos indígenas do Brasil. Uma dupla com integrantes de tão diferentes procedências, unidos por ideais tão justos e poéticos, só poderia mesmo provocar curiosidade e aumentar mais ainda a febre de discussões e teses sobre ecologia (notadamente

Se a mata morrer, todos morrerão

sobre a Amazônia) que toma conta do mundo. Mas, segundo os dois andarilhos, o cantor Sting e o cacique Raoni, os resultados da turnê internacional foram bem além da curiosidade que, naturalmente, ela acabou despertando no mundo. Diz Sting.

– Percorremos o mundo buscando ajuda dos governos para nossa causa, mas também explicando os problemas da Amazônia para as pessoas comuns, que demonstraram muito interesse e receptividade. Ou seja, falamos para dois grupos diferentes: para as celebridades, que ficaram empolgadas em serem fotografadas ao nosso lado, e para trabalhadores, donas-de-casa, jovens. Na França, através de um programa de TV, atingimos um público superior a dois milhões de pessoas. É através da conscientização de toda a população do mundo sobre o problema da Amazônia que podemos salvar esta área da devastação. As pessoas de todos os países precisam saber que não só o Brasil é responsável pelas queimadas da floresta e que, se a mata morrer, todos os homens da Terra morrerão também. Aprendi isso com Raoni, e estou aqui porque acredito nele e no que ele prega.

A queimada não é só feita no Brasil

Durante toda a entrevista coletiva que a dupla concedeu para falar dos resultados da viagem, ontem no Copacabana Palace, o discurso de Sting seguiu essa tônica. E o olhar de aprovação do mestre Raoni demonstrava que as duas figuras maiores da Fundação Mata Virgem estão, a cada dia, na mais perfeita sintonia de idéias e objetivos. Não se sabe ainda quanto foi arrecadado pela Fundação nessas viagens. Segundo o cineasta belga Jean-Pierre Dutilleux, responsável pela aproximação Sting-Raoni e que acompanhou a dupla na turnê, só daqui a dois meses se conhecerá a soma exata que foi levantada. "Mas foi bastante", revelou Sting, acrescentando que, além disso, a Mata Virgem já se estruturou em alguns países com a finalidade de arrecadar fundos a serem remetidos para o Brasil. "O maior trabalho será o de saber gastar este dinheiro de uma maneira inteligente. A verba será controlada por contadores e só serão aplicadas depois de analisada a viabilidade dos projetos", completou o cantor.

Difícil será saber gastar o dinheiro

François Miterrand, Papa João Paulo II, príncipe Charles da Inglaterra, rei Juan Carlos da Espanha. Estas foram algumas das personalidades visitadas por Sting e Raoni em suas peregrinações. De alguns governos, conseguiram angariar mais do que simpatia. De outros, porém, nada foi dado além de um educado apoio moral. "O trabalho no Japão foi mesmo muito difícil. Mas não poderia ser diferente. Os japoneses derrubam as matas do mundo inteiro. Aliás, eles são os maiores predadores das selvas tropicais. Por que teriam interesse em ajudar quem ameaça frear suas ações?", dispara Sting. Raoni aprova com o olhar e, perguntado sobre o saldo da viagem sentencia: "Já falou tá falado", pedindo licença para se retirar. O companheiro inseparável arremata: "Também conseguimos obter apoio de ecologistas e cientistas de outros países. Isso é muito importante, assim como a resposta positiva das pessoas comuns, da rua. Essas coisas nos fazem acreditar que a Fundação está num bom caminho".

A fundação está num bom caminho

O astro agora só vive para a Fundação e a ecologia. Não compõe desde o ano passado. "Estou muito ocupado com esses problemas. As pessoas também me perguntam se eu não estaria inclinado a fazer músicas que falem sobre estas questões. Só que isto tudo é muito complicado e a música, no meu entender, é para colocar idéias simples", diz.

Por hora, ele prefere dedicar-se à Mata Virgem e à Amazônia, mas sem misturá-las com a sua música. "Estou nisso porque sou amigo de Raoni e ele me pediu e porque estou preocupado com o mundo que estão deixando para as nossas crianças. E, é claro, também porque amo o Brasil", justifica. E é por esse amor e por essas preocupações que o cantor, com outros defensores da Fundação, deverá, ainda este mês, participar de uma caminhada pelo perímetro do novo Parque Nacional do Xingu, ajudando a demarcar as fronteiras da área, em mais uma iniciativa em prol da vida.

Pela preservação ecológica

A partir das 15 horas de hoje (hora de Brasília), mais de um bilhão de pessoas, em 50 países, receberão em suas casas um apelo à preservação ecológica. O apelo durará cinco horas, partindo ao vivo do Lincoln Center, em Nova Iorque, que receberá segmentos de Londres, Moscou e Rio de Janeiro. O programa de TV "Our common future" vai levar ao mundo debates, colocações de entidades governamentais e clips musicais sobre o tema.

Estavam programadas para ontem as gravações da parte brasileira, com locações no Copacabana Palace e Morro da Urca, e participações de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Milton Nascimento, que, juntamente com Sting, interpretariam uma música tipicamente brasileira, que seria decidida no momento das gravações. Também até ontem à tarde não estava confirmada a exibição do programa no Rio de Janeiro, dependendo de um acerto com a TV Educativa. Somente os paulistas, paranaenses, gaúchos e brasilienses podem ter a certeza de que verão o programa ao vivo, graças às imagens geradas pela TV Cultura de São Paulo.

Dança/**Crítica**/Lar Lubovitch Dance Company

Um convite à dança

SUZANA BRAGA

Assistir à Lar Lubovitch Dance Company, em cartaz no Teatro Municipal, como parte da programação do Festival Internacional de Dança, é um convite à dança e um raro prazer. Na noite de estréia, quinta-feira, o pouco público ficou em êxtase com a magia do espetáculo, que tem na simplicidade, no bom gosto e no extraordinário desempenho da companhia as linhas-mestras do trabalho do coreógrafo Lar Lubovitch, que, com toda a justiça, é o **darling** da América.

O fluído trabalho de Lubovitch tem as dimensões de um sonho. O coreógrafo é uma batuta orquestral que molda corpo, espaço e música a tal ponto que não se distingue mais onde começa um passo ou termina o som de uma nota. E tem mais. A Lar Lubovitch Dance Company apresenta um espetáculo onde o vigor da dança é o ponto primordial e curiosamente transcende a própria dança. É arte da melhor qualidade, sem rótulos ou histórias.

"Concerto six twenty-two", de Mozart, e "A Brahms Symphony", sinfonia nº 3 de Johannes Brahms, dois números exemplares do programa de estréia, dão a impressão de que Lubovitch conversou longamente com os dois compositores e que juntos chegaram a um acordo sobre um concerto e uma sinfonia. O coreógrafo ilustrou as partituras de Mozart e Brahms com tamanha mestria, que parece que os movimentos nasceram junto com a música.

O elenco é perfeito, trabalha cheio de saúde e sempre de ouvidos abertos. Cada bailarino tem as qualidades de um virtuose solista, com técnica admirável oriunda de várias escolas, mas moldada primorosamente à linguagem do coreógrafo. É muito importante o público assistir a este tipo de trabalho, que cala a boca de muita gente em relação às especulações **underground** de que bailarino moderno não precisa de técnica, basta criatividade. Em meio às inúmeras sandices que são feitas em nome da dança moderna, o elenco de Lar Lubovitch deu um basta, num momento oportuno. Bailarino tem de saber dançar, responderam em coro no palco, para uma platéia boquiaberta.

Se o "Concerto 622" cativou pela alegria, pureza e harmonia, "A Brahms simphony" foi um impacto visual. Uma aula de movimento onde, se possível, até os ossos ondulavam na linha melódica do compositor alemão.

Os bailarinos Sylvain Lafortune e Rick Michalek foram preciosos no duo do "Concerto...". Lubovitch tratou o adágio de Mozart de forma intimista e afetuosa e criou um dos momentos coreográficos mais bonitos já apresentados em nossos palcos. Leonard Meek e Mia Babalis deram um show de técnica no rondó.

Na sinfonia de Brahms, Nancy Colahan, Sylvain Lafortune, Jeanne Solan e Rick Michaelek foram os solistas maravilhosos que puxaram um elenco também perfeito.

Uma terceira peça, esta em seco, sem música, apenas com ruídos, completou o programa. "Big shoulders", um retrato da cidade de Chicago, que é conhecida por este nome ("ombros largos"). Chicago é também a terra natal de Lubovitch, que passou para a sua obra todas as mazelas da megalópole, mas sempre explorando os tipos com um certo humor peculiar e grande sabedoria.

A estréia da Lar Lubovitch Dance Company foi de uma rara felicidade e é um espetáculo imperdível, que só aparece de tempos em tempos. Hoje a caompanhia apresenta-se às 18h30 e 21h, e amanhã despede-se, às 17h.